

Introdução

Não temos qualquer registro seguro de como seria o rosto de Jesus. Essa ausência possibilitou que cada cultura projetasse em Jesus o rosto que desejava. Por essa razão, encontramos em todos os continentes e ao longo do tempo uma infinidade de rostos de Jesus que refletem os traços fisionômicos e culturais de cada povo.

Entretanto, curiosamente Leonardo da Vinci (1452-1519) encontrou certa dificuldade em retratar Jesus. E quando o prior do convento dominicano de Santa Maria das Graças o pressionou para que concluísse uma pintura da Última Ceia,

Leonardo expôs com toda seriedade as razões que tinha para demorar-se em seu trabalho. A principal consistia no escrúpulo que experimentava em sua mente no que se referia à figura de Jesus Cristo. Considerava uma profanação indigna pintá-lo de qualquer maneira, como se não houvesse sido mais do que um homem vulgar. A expressão, a atitude, o contorno, a postura das mãos e o manto que vestia o Redentor na solene ocasião da ceia com seus discípulos exigia para pintá-los não somente uma profunda meditação, mas também a descoberta de um modelo que, segundo o que ia compreendendo, não era possível encontrar no mundo. A beleza e a graça celeste que devia ter a Divindade, encarnada na figura humana, sobrepassavam seu ânimo e imobilizava seus pincéis (Vasari, 1976: 70-71 apud Labarga, 2016: 267, nossa tradução).

A dificuldade de Leonardo é dupla. De um lado, ele não conheceu pessoalmente a Jesus de Nazaré, e de outro, sua compreensão de que em Jesus a divindade chegava a ofuscar a humanidade, torna-o um ser humano único, por isso mesmo, ainda mais irretratável.

De fato, como afirmava o teólogo católico belga Schillebeeckx (1968), o encontro é a condição para que haja um verdadeiro conhecimento interpessoal. E só há verdadeiro encontro entre duas liberdades que se reconhecem e se acolhem mutuamente. A condição do encontro, portanto, é a reciprocidade. Podemos conviver diariamente com uma determinada pessoa e não conhecermos nada

¹ Professor de Cultura Religiosa da PUC-Rio e Gestor Administrativo-Pastoral da Rede Educativa da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

sobre ela, porque neste caso não há o encontro, não há a reciprocidade, há apenas a proximidade espacial.

Partindo desses pressupostos, como poderíamos conhecer Jesus, hoje? Se ele não se encontra mais no horizonte de nossas relações cotidianas, como poderíamos conhecê-lo? Como poderíamos estabelecer com ele uma relação de reciprocidade?

A situação se torna ainda mais problemática se consideramos que não há apenas diversos rostos para Jesus em cada cultura, mas entre as milhares de denominações cristãs e religiões não cristãs encontramos rostos contraditórios de Jesus. Para uns, Jesus ocupa-se quase exclusivamente em expulsar demônios ou realizar curas e milagres; outros o apresentam como um provedor de bens materiais; outros o reconhecem como um ser espiritual, um espírito de luz; outros como uma reencarnação de um sábio ancestral; outros como um legislador e enunciador de princípios morais imutáveis; outros como um revolucionário político; outros como um simples e piedoso judeu; outros como um Deus íntimo e pessoal; outros como fonte de nossa humanização e salvação; e ainda muitos outros rostos. Qual desses rostos é verdadeiro? Existe apenas um rosto verdadeiro? São essas questões que desenvolveremos a partir de agora.

As fontes literárias sobre Jesus

A principal fonte para o conhecimento da vida histórica de Jesus de Nazaré são os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Mas nenhum desses Evangelhos nos fornece os dados que uma biografia moderna nos daria. Por essa razão, sobre os aproximadamente 33 anos de vida de Jesus, temos acesso a alguns dados sobre o seu nascimento, uma referência apenas sobre quando tinha por volta de 12 anos, e algumas descrições sobre o que fez e disse nos últimos três anos de sua vida. Em suma, não sabemos quase nada sobre a biografia de Jesus. A situação fica ainda mais complexa se consideramos que boa parte da doutrina sobre Jesus não aparece completamente desenvolvida nos Evangelhos, ou seja, o conhecimento sobre quem era Jesus foi se desenvolvendo posteriormente à sua morte e ressurreição.

De fato, como defende Bezançon (1988: 9-13), por volta do ano 51, quando o convertido Paulo escreve aos cristãos de Tessalônica,

na Grécia, os Evangelhos tal qual os conhecemos ainda não haviam sido escritos. Estima-se que nesse período circulavam coletâneas com algumas palavras de Jesus. Paulo põe-se a fazer verdadeira *teo-logia*, uma reflexão racional sobre o mistério de Deus manifestado por Jesus. Para isso ele se vale das Escrituras Judaicas que ele bem conhecia. É à luz dessa tradição religiosa que ele compreenderá Jesus como Messias, o Salvador esperado pelo povo de Israel, o enviado de Deus por amor a nós. Para Paulo, portanto, não há dúvida, Jesus é o cumprimento das promessas que o Deus de Abrão, Isaac e Jacó fez ao seu povo.

Para que servem então os Evangelhos?

Os Evangelhos evidentemente não se destinam a um conhecimento historiográfico de Jesus. E, portanto, não se preocupam em descrever em detalhes o rosto e a aparência de Jesus. A preocupação primeira dos Evangelhos é despertar a fé em Jesus como o enviado de Deus. Mais do que descrever a pessoa de Jesus, o objetivo dos Evangelhos é descrever a experiência que os primeiros seguidores tiveram com esse homem que vinha de Nazaré. E essa experiência se compôs de vários elementos que, à semelhança de um mosaico, nos ajudam a recompor algo do que eles captaram sobre Jesus.

De fato, nos relatos dos Evangelhos encontramos a descrição de milagres, parábolas, exortações, curas, expulsão de demônios, e diversos ensinamentos de Jesus sobre Deus, a quem ele chama de Pai. Faremos agora uma síntese de alguns desses ensinamentos de Jesus.

A mensagem e a ação de Jesus (Pagola, 2007: 30ss)

A mensagem e a ação de Jesus giram em torno de um tema central: O Reino de Deus. Jesus anuncia que esse Reino de Deus é um reino de amor e de justiça e que se volta de modo especial para os mais pobres e marginalizados da sociedade. O próprio Jesus compreende sua missão como uma manifestação desse Reino de Deus Pai (Cf. Lc 17,21). E como é um Reino verdadeiramente

inclusivo, Jesus se utiliza de uma linguagem acessível a todas as pessoas, valendo-se de imagens e metáforas que seus interlocutores tinham plena capacidade de compreender. Ele não se dirige ao povo como a eloquência inacessível dos rabinos. Jesus utiliza a poesia para falar de Deus, à semelhança dos profetas como Oséias, Jeremias e Isaías.

Jesus fala a partir de elementos da vida cotidiana: fermento e farinha (Mt 11,33); remendo novo em roupa velha (Mt 9,16); relação entre vizinhos (Lc 11,5-9); galinha reunindo os pintinhos sob as asas (Mt 23,37); cachorros que lambem feridas (Lc 16,21); ovelhas e lobos, serpentes e pombas (Mt 10,16); pássaros e lírios do campo (Mt 6,25-30); o verdejar da figueira e a chegada do verão (Mt 24,32). É a partir daí que se encontra com Deus e fala de Deus. De fato, também através do contato com a natureza Jesus experimenta e interpreta o cuidado amoroso de Deus.

Logo, a experiência de Deus que Jesus faz e nos transmite é a de um Deus que se manifesta nas coisas mais simples do cotidiano. Não é um Deus distante e inacessível.

Jesus também deixa explícito em sua pregação a predileção de Deus pelos mais pobres. Com efeito, a parábola do rico ostentador que ignora o mendigo Lázaro que vive à sua porta (Lc 16,19-31); o relato do homem rico insensato que só pensa em construir silos para armazenar sua colheita (Lc 12,16-21); a severa crítica dirigida a quem ajunta riquezas sem pensar nos necessitados (Lc 16,13; Mt 6,24; Lc 12,33-34; Mt 6,19-21); suas pregações declarando felizes aos indigentes, aos famintos e aos que choram ao perder suas terras (Lc 6, 20-21); suas exortações aos seus seguidores para que compartilhem a vida dos mais pobres daquelas aldeias e caminhem com eles, sem ouro, prata ou cobre, e sem túnica de reposição, nem sandálias (Mt 10,9-10); seu convite a sermos compassivos com os que sofrem e a perdoar as dívidas (Lc 6,36-38), permitem captar como Jesus vivia o sofrimento daquele povo e com que “com-paixão” buscava um mundo novo, mais justo e fraterno, no qual Deus pudesse reinar como Pai de todos. Nesse mesmo movimento inclusivo chama à atenção a atitude solícita de Jesus para com as mulheres e as crianças (Mc 10,11), o que não era comum na época.

Jesus demonstra conhecer o mundo do trabalho árduo de um povoado rural e pobre, que tem na agricultura sua principal fonte de subsistência. Ele conhece a importância de arar a terra sem olhar para trás para que o sulco permaneça em linha reta; as dificuldades da semeadura (pássaros, ervas daninhas, terreno pedregoso, etc.); a paciência com a poda da figueira.

Jesus sofreu incompreensões por parte das autoridades religiosas e de seus próprios parentes, foi chamado de comilão, bêbado, amigo de pecadores, samaritano, endemoniado. Sua opção celibatária também era um escândalo, por isso foi chamado de eunuco, mas ele rebate defendendo que há eunucos que se fizeram assim pelo Reino de Deus e não porque nasceram eunucos ou foram mutilados (Mt 19,12).

Mas embora anuncie o Reino de Deus, Jesus raramente se refere a Deus como “rei”, mas frequentemente como “pai”, indicando que o reinado de Deus não é como o dos reinos do mundo. E o Deus que Jesus apresenta, curando e libertando os mais pobres, doentes e marginalizados, é um Deus que é “amigo da vida” (Sb 11,26).

Na pregação de Jesus sobre o Reino de Deus fica evidente que os principais destinatários são os mais pobres e excluídos, aquelas pessoas pobres que viviam da agricultura e de outros trabalhos rurais e que eram exploradas pelos altos impostos e pelas elites daquela região, refere-se também aos marginalizados daquela sociedade, doentes, endemoniados, prostitutas, mendigos, leprosos, famintos, etc. É a eles em primeiro lugar que se põe a consolar, como vemos no Sermão da Montanha.

Essa preferência pelos mais pobres não é em função de uma suposta superioridade moral desse grupo social, Jesus não afirma que eles são bons ou virtuosos. Deus se coloca ao lado dos mais pobres não porque são mais justos, mas porque sofrem mais injustiças. Nesse aspecto, Jesus retoma a pregação dos profetas de Israel como Miqueias, Oseias, Jeremias e Isaías que denunciavam um culto e uma vivência religiosa sem a prática da justiça e do direito para com o órfão, a viúva, o pobre, o enfermo e o estrangeiro (Cf. Sl 146, 7.9). De fato, em Deus o amor é inseparável da justiça. O Reino de Deus não é um reino despótico, mas um reino de compaixão, misericórdia e perdão para todos.

Parece não haver dúvida de que a pregação de Jesus encantou especialmente as pessoas mais pobres e excluídas daquela sociedade. As autoridades religiosas viram na espontaneidade e liberdade de Jesus para apresentar o rosto compassivo de Deus, uma verdadeira blasfêmia e uma afronta à religião judaica e em especial ao poder religioso constituído ao redor do templo de Jerusalém. Por isso mesmo, planejaram e conduziram Jesus à morte.

Também é consenso entre os estudiosos que Jesus realizou milagres e curas extraordinárias. Coisa que talvez tenha sido reconhecida até mesmo pelo historiador judeu Flávio Josefo (1988: livro 18,3,3).

Outras fontes históricas sobre Jesus

Além dos quatro evangelhos e dos demais livros das Escrituras Cristãs (Novo Testamento), há diversos outros escritos contemporâneos que não foram acolhidos nesse conjunto literário. São os chamados “livros apócrifos”, que não foram reconhecidos como inspirados por Deus. No entanto, esses livros nunca deixaram de ser lidos pela tradição cristã. Neles se encontram dados históricos, nomes de pessoas e lugares que ajudam a recompor o contexto histórico dos evangelhos. O mais importante deles, segundo os especialistas, é o *Evangelho de Tomás*.

Apesar disso, a grande influência gnóstica de muitos desses escritos apócrifos, impossibilitam uma recomposição mais histórica de Jesus, uma vez que tendem a negar ou a diminuir a natureza carnal de sua pessoa. Muitos desses escritos foram compostos após os evangelhos, por volta do século II.

Outras obras literárias importantes para o conhecimento sobre o contexto histórico de Jesus são *A guerra judaica* e *Antiguidades dos judeus* do historiador judeu Flávio Josefo. De modo indireto, vários escritores romanos também fazem alusões a Jesus de Nazaré como Tácito (55-120 d.C.), Suetônio (69-141 d.C.) e Plínio (61-114 d.C.).

A ressurreição de Jesus – início da plena revelação de sua pessoa

Somos espontaneamente levados a crer que os discípulos e discípulas que conviveram historicamente com Jesus de Nazaré o

conheciam melhor do que qualquer um de nós na atualidade. No entanto, à luz do mistério da ressurreição de Jesus, essa suposição não se sustenta. De fato, é a partir da ressurreição de Jesus que ocorre uma verdadeira reviravolta na compreensão de sua pessoa e de sua mensagem. Sem o evento da ressurreição, Jesus provavelmente teria se tornado no máximo mais um grande profeta dentro da história de Israel.

Mas, o encontro com Jesus ressuscitado conduz os discípulos e discípulas a se questionarem sobre quem realmente era aquele homem que eles julgavam conhecer. A ressurreição não significava para eles uma revivificação do cadáver de Jesus, não foi algo semelhante ao que o próprio Jesus havia feito ao revivificar seu amigo Lázaro (Cf. Jo 11,38-54). Jesus ressuscitado é a mesma pessoa, mas, ao mesmo tempo, já não vive mais do mesmo modo em que vivia, ele agora é imortal (Cf. Rm 6,9-10), possui um corpo glorioso (Cf. Fl 3,21).

O evento da ressurreição coroa toda a vida, a mensagem, as obras, a paixão e a morte de Jesus. É a partir da ressurreição que todas essas etapas de sua vida ganham nova consistência e sentido. Ele é então reconhecido como o Senhor, o verdadeiro Filho de Deus, que se fez homem para nos conduzir de volta à comunhão com o Pai, pela força do Espírito Santo. Ele é compreendido pelos discípulos e discípulas como o Messias, o Salvador prometido pelos profetas de Israel (Cf. At 2,36; 5,42).

Todo o edifício da religião cristã se construirá sobre o evento fundante da ressurreição. Por isso, Paulo não exagera ao afirmar que se Cristo não ressuscitou vã é a fé cristã (1Cor 15,14).

Logo, a fé na ressurreição de Jesus é a condição para o conhecimento de quem é Jesus. Se a ressurreição não tiver acontecido, o Cristianismo inteiro é apenas uma bela invenção e Jesus não passaria de um personagem histórico do passado.

É aqui que se abre uma distância entre um mero historiador e um fiel cristão. Sem a fé na ressurreição, o historiador pode conhecer muito mais sobre a cultura e a historiografia que cerca a pessoa de Jesus de Nazaré do que qualquer fiel cristão. Por outro lado, se aconteceu mesmo a ressurreição, significa que Jesus vive eternamente. Significa que ainda hoje é possível realizar aquela experiência de reciprocidade com ele, de encontrá-lo de um modo misterioso e sublime através da fé.

Ora, é essa experiência com o Cristo vivo e ressuscitado que é vivida pela comunidade dos cristãos. Por isso, para os cristãos, Jesus não é um personagem do passado, mas uma pessoa com a qual podemos entrar em relação através da oração, da prática do amor, dos sacramentos, da escuta da Sagrada Escritura, do serviço aos mais pobres e marginalizados, do testemunho eloquente de alguns cristãos, e tantos outros meios oferecidos pela tradição cristã. Porque Jesus vive, os cristãos, hoje, podem compreendê-lo ainda melhor do que os discípulos e discipulos que conviveram com ele desde Nazaré até Jerusalém. Com efeito, os dois mil anos da história do cristianismo, entre luzes e trevas, expressa a tentativa de dar conta de conhecer e seguir a Cristo em cada novo contexto cultural, social e histórico. Apesar disso, Cristo continua a ser para os cristãos um mistério inesgotável, mesmo conhecendo-o cada vez mais ao longo do tempo.

Mas afinal quem é Jesus?

Jesus se opôs ao grupo dos fariseus por deturparem a imagem de Deus apresentando-o como um Deus distante, legalista, elitista e um juiz implacável. De modo semelhante, ao contemplarmos, hoje, os diferentes rostos de Jesus que são apresentados pelas diversas denominações cristãs, podemos identificar interpretações bastante questionáveis sobre a pessoa e a mensagem de Jesus. Por isso a importância de considerar alguns traços de Jesus que os próprios Evangelhos nos oferecem: a primazia do amor e da misericórdia para com o próximo, especialmente o mais pobre e excluído; a centralidade do anúncio e da promoção do Reino de Deus no mundo, reino de justiça, paz e liberdade; e a vivência comunitária de um amor que gera a unidade na diversidade.

Como conhecer Jesus, hoje? Por vontade do próprio Cristo, ele quis se fazer presente entre nós através da comunidade dos seus discípulos e discipulas. Toda vez que a comunidade dos cristãos expressa em sua própria carne, palavras e obras, o amor de Deus manifestado em Jesus de Nazaré, ela materializa no mundo o mistério de Cristo vivo e ressuscitado. Um meio privilegiado de conhecer a Jesus, portanto, é através dos cristãos. De fato, o nome “Jesus” provém do hebraico “Yehoshua” que significa “Deus salva” e “Cristo” provém do hebreu “mashiah” que significa “o ungido”. Logo, tornar-se

cristão é tornar-se um salvador da humanidade, um messias para o mundo, à semelhança de Jesus. Essa foi a experiência do apóstolo Paulo ao confessar: “Já não sou quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20).

No entanto, o apóstolo João não tinha dúvida: todo aquele que ama conhece a Deus (1Jo 4,7). Onde há o amor, Deus aí está. Como consequência, Cristo não é propriedade dos cristãos. Ele é de todos que acolhem a boa nova do perdão, do amor e da misericórdia. Por isso a Igreja Católica reconheceu que há sinais da presença de Jesus em diversas culturas e religiões da humanidade (CONCÍLIO, 1965a, n. 2; CONCÍLIO, 1965b, n. 11). Através delas também temos acesso a algo do mistério inesgotável do amor de Deus manifestado na pessoa de Jesus de Nazaré.

Imagens equivocadas de Jesus

Como anunciamos ao início, mesmo entre os cristãos encontramos imagens de Cristo que não condizem com seus traços apresentados nos Evangelhos. Não é aceitável, à luz dos Evangelhos e da tradição cristã, que se utilize de Jesus, por exemplo, para justificar preconceitos, violências, injustiças ou qualquer tipo de exclusão.

Também no cinema, em documentários, na literatura exotérica e em periódicos encontramos a tentativa de se apresentar de modo sensacionalista uma verdade sobre Jesus que “foi ocultada” pela Igreja durante séculos e que somente agora veio a público. Em geral esse tipo de investigação não dá voz aos especialistas que há anos se dedicam ao assunto. Quando se referem às “investigações mais atuais” ou às “últimas descobertas” não descem ao detalhamento dos autores e dos grupos responsáveis por tais investigações. E por fim, não se constroem em fazer afirmações ou que nunca foram corroboradas por uma investigação consistente ou até que a contradigam.

Da biografia à iconografia

Na tentativa de apresentar um rosto para Cristo a expressão artística que melhor alcançou esse objetivo foi a dos ícones das igrejas cristãs orientais. Enquanto o Ocidente plasmou vários rostos para

Cristo numa tentativa de conferir-lhe um reconhecimento público, a tradição iconográfica oriental foi em outra direção: os ícones nunca tiveram a pretensão de ser um retrato de Cristo. Os ícones são intencionalmente simbólicos, as cores, as formas, a posição das mãos, o olhar, etc. são repletos de significados. Por essa razão, os ícones não pretendem retratar o Cristo, mas desvelá-lo. Aqui reside uma diferença importante: o retrato é imóvel, um congelamento do real; o ícone, ao contrário, não é retrato, é mais assemelhado a uma janela, porque não se entende o ícone olhando para ele, mas olhando através dele. E cada vez que o olhamos podemos descobrir novas nuances sobre o mistério de Jesus de Nazaré.

Os cristãos e a própria Igreja buscam tornar-se um ícone vivo de Cristo no mundo. Infelizmente não faltam exemplos que indicam que muitas vezes os cristãos falharam nesse intento. Não obstante, há também cristãos e cristãs que, ao longo de sua existência, foram verdadeiros ícones de Cristo e puderam trazer ao mundo um novo reflexo de sua imagem. Os testemunhos desses cristãos e cristãs indicam que, apesar das dificuldades, Cristo continua a revelar-se através de seus seguidores no mundo.

Conclusão

Após mais de 2000 anos de história a figura de Jesus continua a ser um grande mistério. Diversos avanços científicos possibilitaram recompor muito da história e do contexto em que viveu Jesus de Nazaré. Ainda assim, há poucos dados para uma biografia exaustiva sobre Jesus. No entanto, os cristãos acreditam que pela sua ressurreição, Jesus continua vivo e presente entre nós e que é possível estabelecer com ele uma relação de intimidade e reciprocidade. Por essa razão, para os cristãos, as pesquisas científicas ajudam no conhecimento da pessoa de Jesus, mas não possibilitam o encontro vital com ele. Nesse momento só a fé no ressuscitado pode ir além e permitir-nos mergulhar no mistério de sua pessoa.

Referências bibliográficas

BEZANÇON, J.-N et. al. *Para decir el Credo*. Estella (España): Verbo Divino, 1988.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração *Nostra aetate sobre a Igreja e as religiões não-cristãs*. [Out. 1965]. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em: 29 jul. 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. [Dez. 1965]. Disponível em: http://www.catolicoorante.com.br/docs/vaticanoii/decretos/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 29 jul. 2019.

JOSEFO, Flávio. *Antigüedades de los judíos*. Tomo III. Barcelona: Clie, 1988.

LABARGA, Fermin. “El rostro de Cristo en el arte”. *Anuário de História de la Iglesia*, vol. 25, p. 265-316, 2016.

PAGOLA, José Antonio. *Jesús: aproximación histórica*. 3ª ed. Madrid: PPC, 2007.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1968.

VASARI, Giorgio. *Vida de grandes artistas*. Madrid: Edime, 1976.